



Por uma história do conceito *Feminismo*.

Vitor Claret Batalhone Júnior.¹

Departamento de História, Universidade Regional do Cariri-URCA.

E-mail: vitor.batalhone@fulbrightmail.org.

Resumo: Segundo Koselleck, os conceitos históricos modernos carregam em seu conteúdo semântico a ideia de movimento, implicando mudanças em relação às realidades históricas específicas às quais se referem. De acordo com Scott, estudos definidos como história das mulheres ou de gênero costumam se alocar sob grandes rubricas teóricas de investigação como o marxismo ou a psicanálise. Assim, este estudo visa discutir as etapas iniciais da escrita de uma história do conceito feminismo até sua situação atual.

Resumo Expandido:

Segundo Reinhart Koselleck, os conceitos sócio-históricos modernos carregam em seu conteúdo semântico ideias de movimento que frequentemente se expressam em sua etimologia através do sufixo “-ismo”, como em “capitalismo” e “comunismo”, uma vez que os conjuntos teórico-ideológicos de tais conceitos tenderiam a direcionar as ações dos agentes históricos em direção a um objetivo sociocultural e político futuro previamente projetado. Apesar de aparentemente constituírem apenas meras palavras, sua estruturação semântica e sintática as tornam conceitos históricos cujo conteúdos semânticos seriam capazes de possibilitar mudanças efetivas em relação às realidades históricas específicas às quais se referem.

¹ Professor Adjunto I de Teoria e Metodologia da História na Universidade Regional do Cariri-URCA.



Isso significa afirmar que conceitos históricos tanto são produzidos por realidades singulares quanto as reproduzem, podendo também produzir novas configurações de mundo a partir de sua enunciação e dispersão em uma linguagem comum.

Já a partir do final do século XVIII e início do XIX podemos observar os desdobramentos do conceito “revolução”, o qual embora não possuindo o sufixo “-ismo”, possui seu conteúdo semântico diretamente vinculado aos processos históricos postos em ação pelos inúmeros “iluminismos” europeus do período. Apesar de “marxismo” dizer respeito especificamente a uma tradição teórica, metodológica (materialismo histórico) e filosófico-ideológica, os conceitos associados ao seu núcleo semântico denominados “comunismo” e “socialismo” trazem agregados no conjunto dos significados que intendem expressar, noções promotoras da ação que remontam ao conceito “revolução” desenvolvido ao longo do século XVIII, especialmente a partir das Revolução Francesa, conforme afirma Koselleck.

No século XX, os significados carregados pelos conceitos “comunismo” e “socialismo” foram progressivamente perdendo a capacidade de gerar alterações socioculturais e políticas de grande notoriedade, especialmente a partir da queda do Muro de Berlim em 1989 e do colapso do mundo soviético na década de 1990. Todavia, acredito que um *conceito de movimento moderno* em especial deva ser considerado com maior atenção em relação ao seu conteúdo semântico e efeitos político-socioculturais, a saber, o conceito “feminismo” e os eventos históricos que lhe dizem respeito, especialmente a partir dos desdobramentos produzidos pela publicação de *Le deuxième sexe* por Simone de Beauvoir em 1949. Um *conceito de movimento moderno* baseia-se apenas parcialmente nas experiências registradas em seus significados, sendo sua força motora fundamental as expectativas atreladas a esses mesmos significados que existem apenas parcialmente ou enquanto projeções de uma dada configuração sociocultural singular, motivando os combates políticos nas sociedades onde os jogos de linguagem os colocam em funcionamento.



De acordo com Joan Scott, estudos definidos como história das mulheres ou de gênero costumam se alocar sob algumas grandes rubricas teóricas de investigação como o marxismo ou a psicanálise. Esses estudos estão diretamente vinculados a uma série de disputas político-culturais que tanto informam conteúdos semânticos conceituais quanto produzem alterações efetivas nas realidades de referência, mais especificamente àquelas disputas representadas pelo conceito “feminismo”. A história do feminismo remonta aos diversos grupos e movimentos sufragistas que irromperam em alguns lugares entre o final do século XIX e início do XX. Mas os movimentos sufragistas possuíam um caráter diferente dos movimentos feministas que, de forma geral, poderíamos datar a partir do início da década de 1960. Após a repercussão de *Le deuxième sexe* por Simone de Beauvoir, a publicação de *The Feminine Mystique* em 1963 por Betty Friedan reforçou as séries de eventos que historiadores e cientistas sociais tradicionalmente passaram a denominar de a “Segunda Onda do Feminismo”. A “Terceira Onda” se refere a um passado ainda mais recente, datado a partir da década de 1990, quando o mercado de trabalho formal começou a forçosamente se abrir de maneira mais complexa a mulheres de diversas origens e formações educacionais.

Todavia, como a historiadora Joan Scott bem nos mostra em seu livro originalmente intitulado *Gender and the Politics of History*, as lutas das mulheres por melhores condições de trabalho já haviam começado desde o final do século XVIII no contexto da Revolução Francesa, intensificando-se especialmente ao longo das disputas político-culturais que se seguiram no século XIX. Portanto, existe uma diversidade de eventos históricos que configuram uma história singularmente feminina porém radicalmente diversa em seus conteúdos factuais, socioculturais e políticos, conteúdos esses que além de tudo, precisam ser configurados como especificamente “das mulheres” por supostamente não conformarem uma história humana em geral, a qual é sempre escrita enquanto história “dos homens” em geral. Ideologia de gênero é negar a subsunção das mulheres e tudo que lhes diz respeito a uma suposta generalidade dos homens enquanto gênero comum. A identificação de “homens” ao gênero comum



“humano” configura portanto uma ideologia em seu mais filosófico sentido, tal como definiria o antropólogo Clifford Geertz.

Assim, este estudo visa discutir as etapas iniciais da escrita de uma história do conceito feminismo até sua situação atual, discutindo não somente eventos históricos específicos e suas interpretações múltiplas, como também a necessidade de melhor compreendermos a que nos referimos e o que desejamos explicar quando enunciamos o conceito feminismo. Desta forma, os ganhos políticos poderão produzir ainda maiores alterações socioculturais no mundo que habitamos.

PALAVRAS-CHAVE: História dos Conceitos, feminismo, modernidade, gênero, sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge, 1999.

GALLOP, Jane. *Feminism and psychoanalysis. The daughter's seduction*. London: The Macmillan Press, 1982.

KARAWEJCZYK, Mônica. *Sufragettes nos trópicos?! A primeira fase do movimento sufragista no Brasil*. *Locus: Revista de história*, Juiz de Fora, v.20, n.1, p. 327-346, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed.PUCRJ, 2006.

_____. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

SCOTT, Joan Wallach. *Género e historia*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica; Universidad Autónoma de La Ciudad de México, 2008.